


P.S.
DE
PARIS
MARC LEVY



Tradução
Flávia Souto Maior

 Planeta

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

1

A chuva caía sobre coberturas e fachadas, carros e ônibus, calçadas e pedestres. Parecia que chovia em Londres desde o início da primavera. Mia tinha acabado de sair de uma reunião com seu agente. Ela aguardava com nervosismo a reação dele a uma pré-estreia de seu último filme – na indústria dos sucessos de bilheteria, a opinião sincera, às vezes mordaz, de Creston nunca falhava.

— É um lixo — ele admitiu —, mas vai ser um sucesso, nem que seja só porque você e seu marido são as estrelas.

Quando ela se apaixonou por David, ele era o astro e ela era a novata. Agora, não conseguia tirar da cabeça o que Creston havia dito: desta vez, a aluna tinha superado o mestre.

Na vida real, é ele quem rouba a cena, pensou com um sorriso melancólico.

Ela pegou um táxi para a Oxford Street para arejar a mente. Sempre que se sentia para baixo, o que tinha acontecido mais de uma vez nas últimas semanas, ela saía para caminhar pela movimentada rua comercial. Com os longos cabelos loiros escondidos sob um chapéu, normalmente conseguia passar despercebida pelas multidões.

Passeando pelos corredores de uma loja de departamentos, ela tentou ligar para David, mas caiu direto na caixa postal.

O que seu marido poderia estar fazendo àquela hora da tarde? Onde estivera nos últimos dois dias? Dois dias e duas noites sem ouvir um pio dele, à exceção de uma única mensagem no correio de voz. Uma rápida mensagem explicando que ele estava indo para o campo recarregar as baterias, e que ela não precisava se preocupar. Mas era exatamente o que ela estava fazendo. Fazer o filme juntos não havia reacendido a chama entre eles.

— *Acho que ele está me traindo.*

— *Bem, que casal não trai hoje em dia, se pararmos para pensar? — seu agente havia respondido, verificando o e-mail.*

— Creston. Estou falando sério.

Ele levantou os olhos.

— Traindo. Como assim? — perguntou. — Quero dizer... só uma vez, ou o tempo todo?

— Que diferença isso faz?

— E você nunca o traiu?

— Não. Bem, uma vez. Foi só um beijo. O ator com quem eu estava contracenando beijava muito bem, e eu precisava que alguém me beijasse. Mas foi para deixar a cena mais realista, então não se qualifica exatamente como traição, não é?

— Dizem que é a intenção que conta. Que filme foi? — Creston perguntou, erguendo uma sobrancelha.

Mia olhou pela janela e seu agente suspirou.

— Tudo bem, vamos supor que ele esteja te traindo. Que diferença faz, se vocês não se amam mais?

— Ele não me ama mais. Eu ainda o amo.

Voltando para casa, Mia decidiu se recompor. Era inconcebível que David chegasse e a encontrasse chateada. Ela precisava manter a dignidade, permanecer no controle. Não podia deixá-lo pensar, nem por um segundo, que ela tinha ficado sem rumo em sua ausência.

Então uma amiga ligou e implorou que ela a acompanhasse à inauguração de um novo restaurante, e Mia resolveu se arrumar toda. O jogo do ciúme podia ter dois participantes. Além disso, certamente era melhor sair e ficar cercada por estranhos do que ficar em casa pensando besteira.

O restaurante era imenso, a música era alta demais, o salão estava lotado. Era impossível conversar ou mover um músculo sem trombar em alguém. *Quem é capaz de gostar desse tipo de festa?*, ela pensou ao se preparar para mergulhar no mar de pessoas.

Dezenas de *flashes* de câmeras dispararam assim que ela entrou. Então esse havia sido o motivo do convite. A esperança de aparecer nas colunas sociais de uma revista. Quinze minutos de fama. *Pelo amor de Deus, David, como pode me deixar sozinha em um lugar desses? Vou te fazer pagar por isso! Você vai ver, sr. Preciso-recarregar-minhas-baterias!*

O telefone dela tocou: número desconhecido. Devia ser ele, àquela hora da noite. Mas como conseguiria escutá-lo no meio de todo aquele barulho? *Se eu pudesse desaparecer de repente, agora seria o momento*, ela pensou.

Ela passou os olhos pelo horizonte. Estava no meio do caminho entre a entrada e a cozinha. A multidão estava entrando, mas ela resolveu ir contra a maré. Atendendo o telefone, gritou:

— Não desligue!

Adorável, simplesmente adorável. E pensar que ela queria agir de forma relaxada e casual...

Ela abriu caminho com os cotovelos, passou por uma criatura empoeirada sobre saltos altos que recebia uma cantada de um grandalhão de terno, e pisou no pé da altona magricela que se contorcia como uma enguaia, desviando do bonitinho que olhava para ela como se fosse uma presa. Apenas dez passos para chegar à porta...

— David! Continue na linha!

Ah, abaixe o tom, sua ridícula! Você parece uma idiota.

Ela lançou um olhar suplicante para o segurança, na esperança de que ele a ajudasse a escapar.

Então, finalmente, o ar fresco banhou sua pele na relativa calma da rua. Ela se afastou da multidão de pessoas que esperava para entrar naquele inferno.

— David?

— Onde você está?

Sério? Você tem coragem de me perguntar isso?

— Estou em uma festinha...

— Está se divertindo, querida?

Hipócrita!

— Sim, é uma festa de arromba...

Meu Deus, mulher, de onde você tira essas bobagens?

— E você? — *Seu cretino!* — Onde você está? — *E onde esteve nos últimos dois dias?*

— Estou indo para casa. Você vai chegar logo?

— Estou no táxi...

Encontre um táxi! Rápido, um táxi!

— Ah, achei que estava em uma festa.

— Estava saindo quando você ligou.

— Certo, então provavelmente vai chegar em casa antes de mim. Não precisa me esperar acordada, se estiver cansada, porque eu estou preso em um congestionamento enorme. Acredita? A essa hora da noite? Em Londres? É simplesmente inacreditável!

Rá! Inacreditável é você! Tem coragem de me dizer para não esperar acordada, quando já me fez esperar por dois dias inteiros!

— Vou deixar uma luz acesa no quarto.

— Maravilha. Eu te vejo logo mais. Te amo...

A luz refletindo na calçada molhada, casais compartilhando guarda-chuvas...

... e eu sozinha como uma idiota. Dane-se o filme, eu não ligo. Amanhã vou tomar uma atitude, vou começar uma nova vida, eu juro! Não, amanhã não. Esta noite!



Planeta

2

Paris, dois dias depois.

— Por que é sempre a última chave que tentamos a que abre a porta? — Mia bufou, mexendo nas chaves.

— Porque a vida é atrapalhada por natureza, minha cara amiga. É por isso que estamos paradas do lado de fora de meu apartamento no escuro — respondeu Daisy, usando seu telefone para iluminar um pouco a fechadura.

— Nunca mais vou me apaixonar por alguém idealizado. Da próxima vez, vou me contentar apenas com a realidade. Vou me dar o presente e apenas o presente.

— E me dê um futuro menos incerto, enquanto fizer isso... — suspirou Daisy. — Até lá, por que não me dá as chaves e fica segurando a luz, antes que minha bateria acabe?

A última chave do molho era, de fato, a certa. Ao entrar no apartamento, Daisy mexeu no interruptor. Nada aconteceu.

— Ótimo. Então não tem luz no prédio inteiro...

— Não tem luz na minha vida inteira — Mia disse.

— Talvez você esteja exagerando só um pouquinho.

— Eu precisava fugir, Daisy, não sei viver uma mentira. Não sei — Mia continuou falando em um tom que implorava por compaixão. Mas Daisy a conhecia havia muito tempo para cair naquele truque.

— Chega de bobagem. Você é uma atriz talentosa, o que praticamente faz de você uma mentirosa profissional... sei que tenho velas em algum lugar, só preciso encontrá-las antes que a bateria do meu iPhone...

Bem naquela hora, a tela do telefone ficou preta.

— Tenho só que sorrir para esconder as lágrimas, como fazem os outros ricos e famosos? É isso? E se eu simplesmente mandasse todos se ferrarem? — Mia sussurrou.

— Mia. Já passou pela sua cabeça, talvez... me ajudar um pouco?

— Já, mas está um breu aqui.

— Aleluia! Ela percebeu.

Daisy tateou diante de si. Tentando encontrar a mesa, trombou com uma cadeira e soltou um resmungo até, finalmente, alcançar a bancada do outro lado do cômodo. Ainda tateando o entorno, encontrou o fogão, pegou uma caixa de fósforos na prateleira e acendeu uma das bocas.

Um halo azulado iluminou o local onde ela estava.

Mia se sentou de imediato à mesa.

Daisy remexeu as gavetas, uma por uma. Velas perfumadas eram estritamente proibidas em seu apartamento. Sua paixão por gastronomia era levada a sério, para dizer o mínimo, e ela era inflexível ao dizer que nada deveria alterar o aroma de um prato. Enquanto alguns donos de restaurante colocavam uma placa na porta declarando “Não aceitamos cartões de crédito”, ela ficaria feliz em afirmar: “Clientes com muito perfume serão imediatamente convidados a se retirar”.

Por fim, encontrou as velas sem perfume e as acendeu. As chamas claras espantaram a escuridão.

Daisy amava sua cozinha, especialmente o fato de ocupar o apartamento inteiro. Servia como sala, já que era maior do que os dois pequenos quartos e o banheiro juntos. A bancada tinha vasos de barro com tomilho, louro, alecrim, endro, orégano, folhas de bergamota e pimenta de Espelette. Essa cozinha era o laboratório de Daisy, onde ela ficava alegre e relaxava. Era ali que ela desenvolvia receitas para a clientela de seu pequeno restaurante, que ficava nas ladeiras de Montmartre, bem pertinho de seu apartamento.

Daisy não tinha frequentado nenhum curso de gastronomia sofisticado; sua profissão foi inspirada por sua família e sua terra natal, a Provença. Quando criança, passava horas observando a mãe, aprendendo a imitar suas técnicas, enquanto seus amigos brincavam à sombra dos pinheiros e das oliveiras.

— Está com fome? — perguntou a Mia.

— Estou. Talvez. Não sei bem.

Daisy abriu a geladeira e tirou um prato de cogumelos chanterelle e um maço de salsinha, depois pegou uma cabeça de alho da réstia à sua direita.

— Você precisa mesmo pôr alho? — Mia perguntou.

— Por quê? Pretende beijar alguém hoje? — Daisy retrucou enquanto picava a salsinha. — Que tal me dizer o que está acontecendo enquanto eu preparo o jantar?

Mia respirou fundo.

— Nada. Não está acontecendo nada.

— Bem quando eu estava fechando o bistrô, você aparece do nada com uma mala de mão e uma cara como se o mundo tivesse se despedaçado em um milhão de pedaços. E, desde então, não parou de resmungar. Imagino que não tenha aparecido porque sentiu minha falta.

— Meu mundo está *mesmo* despedaçado em um milhão de pedaços...

Daisy parou abruptamente o que estava fazendo.

— Já chega, Mia! Quero saber de tudo, mas com menos resmungos e drama. Poupe-os para as câmeras.

— Você daria uma ótima diretora, sabia? — Mia disse.

— Pare de enrolar e me conte.

Enquanto Daisy fatiava os cogumelos, Mia desabafava. Ambas deram um pulo quando a eletricidade voltou. Daisy diminuiu as luzes e abriu as persianas elétricas, revelando a vista que seu apartamento tinha de Paris.

Mia foi até a janela.

— Você tem um cigarro?

— Em cima da mesa de centro. Nem sei de onde vieram.

— Você deve estar saindo com muitos homens, se não consegue nem lembrar quem deixa o quê!

— Se quiser fumar, saia na varanda.

— Você vem?

— Preciso saber o que aconteceu em seguida. Então acho que não tenho escolha.

— Então você deixou a luz do seu quarto acesa — Daisy confirmou ao servir mais vinho.

— Isso, mas apaguei a luz do *closet*. Deixei um banquinho lá para ele trombar quando chegasse.

— Uau. Esqueci que você tem um *closet*. — Daisy riu. — Não importa. O que aconteceu depois?

— Eu fingi que estava dormindo. Ele tirou a roupa no banheiro e tomou um banho demorado, depois foi para a cama e apagou a luz. Fiquei esperando ele sussurrar alguma coisa, me dar um beijo. Mas talvez não estivesse com as “baterias” totalmente recarregadas, pois simplesmente caiu no sono.

— Quer saber minha opinião? Não responda, vou falar de qualquer modo. Você se casou com um cretino. A verdadeira questão é bem simples: descobrir se as coisas boas pesam mais que as ruins. Não, esqueça o que eu falei. A verdadeira questão é saber por que você está apaixonada por ele, para começar, se ele te faz sofrer tanto. A menos que esteja apaixonada *porque* ele te faz sofrer tanto...

— Ele me fez muito feliz... no início.

— Espero que sim! Se todo relacionamento começasse mal, o príncipe encantado desapareceria de todos os contos de fadas já escritos, e as comédias românticas seriam repletas de horror. Não olhe para mim desse jeito, Mia. Se quiser descobrir se ele está te traindo, precisa perguntar para *ele*, não para mim. E apague isso, você não vai encontrar amor na ponta de um cigarro.

Lágrimas correram pelo rosto de Mia.

Daisy sentou ao lado da amiga e a abraçou.

— Vamos, bote tudo para fora, se isso faz você se sentir melhor. Um coração partido dói demais, eu sei, mas é melhor do que estar vazio a ponto de não ter motivos para chorar.

Mia tinha jurado manter a dignidade sob quaisquer circunstâncias, mas com Daisy era diferente. Elas eram amigas havia tanto tempo, eram praticamente irmãs.

— Como assim, vazio? — ela perguntou, secando as lágrimas.

— Uau. Essa é sua forma de finalmente perguntar como estou?

— Não me diga que também está sozinha? Ah, Daisy, acho que nunca vamos encontrar a felicidade.

— Parece que você chegou bem perto nesses últimos anos. Você é famosa, uma atriz respeitada, ganha mais em um filme do que eu ganharia a vida inteira... e é casada. Quero dizer... dê uma olhada nas notícias, nas coisas terríveis que estão acontecendo no mundo, você vai ver que estamos reclamando de barriga cheia.

— Por quê? O que aconteceu?

— Não faço ideia, mas se tivesse aparecido alguma notícia *boa*, as pessoas sairiam nas ruas para comemorar. O que achou dos meus cogumelos?

— Acho que funcionam melhor que antidepressivos.

— Música para os meus ouvidos. Bom, é hora de ir dormir. Amanhã eu vou ligar para o idiota do seu marido, falar para ele que você sabe de tudo e que ele traiu a mulher mais maravilhosa que eu conheço, e que agora você vai se separar dele não para ficar com outra pessoa, apenas para se livrar dele. É ele quem vai chorar quando eu terminar de falar tudo.

— Você não vai fazer isso de verdade, vai?

— Não, não vou. Você vai.

— Eu não poderia, mesmo se quisesse.

— Por quê? Porque realmente *quer* perder mais tempo chafurdando nesse melodrama?

— Não, porque aquele filme de grande orçamento que estrelamos juntos estreia em um mês, lembra? Não só tenho que fazer a divulgação, mas também representar outro papel fora das telas: o de mulher mais feliz da Inglaterra. Se as pessoas descobrirem a verdade sobre mim e David, a chama se apaga na tela também. Os produtores, meu agente... nunca vão me perdoar. E mesmo que eu não fique parada, negando a traição, não preciso acrescentar humilhação pública a tudo isso.

— Na minha opinião, só uma vadia sem coração poderia fazer um papel desses.

— Por que acha que fugi para Paris?

— Entendo. Por quanto tempo?

— Pelo tempo que conseguir me aguentar.